

Quando a beira fica vermelha: o urucum que brota na BR-101

Ananda da Luz Ferreira¹
Herbert Toledo Martins²

Resumo

O presente ensaio pretende apresentar parte dos avanços da pesquisa “*Beiradeiros: conflitos, vulnerabilidade e exclusão no Extremo Sul da Bahia*”, realizada pelo Grupo de Pesquisa em Conflitos e Segurança Social (GPECS) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), cujo objetivo geral é investigar os modos de vida dos *Beiradeiros*, pessoas que vivem nas faixas laterais de terra de domínio da União, às margens da BR-101 no município de Teixeira de Freitas, localizado no território do Extremo Sul da Bahia. Especificamente, pretende-se por intermédio do plantio do urucum, o principal produto cultivado e comercializado pelas famílias dos *Beiradeiros*, deslindar um aspecto importante do modo de vida *sui generis* dessa população, até então invisível aos olhos do Estado e desconhecida do mundo acadêmico.

Palavras-chave: *beiradeiros; modos de vida; urucum; Teixeira de Freitas, BA.*

When the border turns red: the urucum that sprout up on BR-101

Abstract

This essay intends to present the research “*Beiradeiros: conflicts, vulnerability and exclusion in the Extreme South of Bahia*”, carried out by the Conflicts and Social Security Research Group (GPECS) of the Federal University of Southern Bahia (UFSB), whose objective The general aim is to investigate the ways of life of the *Beiradeiros*, people who live on the side strips of land owned by the Union, on the banks of the BR-101 in the municipality of Teixeira de Freitas, located in the extreme south of Bahia. Specifically, it is intended, through the planting of urucum, the main product cultivated and marketed by the families of the *Beiradeiros*, to unravel an important aspect of the *sui generis* way of life of this population, hitherto invisible to the State and unknown to the academic world.

Keywords: *beiradeiros; ways of life; urucum; Teixeira de Freitas, BA.*

*“Entre o arame e o betume o Beiradeiro planta, labuta com a terra
Não dá pra ir longe, é arriscoso
Arar a terra longitudinal, sem a profundidade que a plantação requeria, ninguém podia*

1 Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (Mestre), Grupo de Pesquisa em Criminalidade e Segurança Social (GPECS), Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER-UFSB).

2 Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES), Grupo de Pesquisa em Criminalidade e Segurança Social (GPECS/CNPQ), Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

*E lá vem a noite, o sereno, já vai o dia”
(Oneide Andrade da Costa)*

As fotos apresentadas nesse ensaio compõem a pesquisa “*Beiradeiros: conflitos, vulnerabilidade e exclusão no Extremo Sul da Bahia*”³, realizada pelo Grupo de Pesquisa em Conflitos e Segurança Social (GPECS) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), iniciada em 2018 e que se encontra em andamento, cujo objetivo geral é investigar os modos de vida das famílias de agricultores que ocupam as faixas laterais de terra de domínio da União ao longo da BR-101 no município de Teixeira de Freitas, localizado no território do Extremo Sul da Bahia. Na estratégia metodológica de execução da investigação foram utilizados métodos quantitativos e qualitativos. A parte de natureza quantitativa recaiu sobre a aplicação de um questionário sócio demográfico que nos apontou com mais acuidade o perfil e a quantidade de pessoas e famílias que vivem nas faixas de terra ao longo da referida rodovia. Esta primeira etapa da pesquisa foi concluída em outubro de 2019. Foram aplicados 68 questionários e tabulados em um banco de dados que está à disposição dos pesquisadores. Na etapa qualitativa demos ênfase à técnica da etnografia. Desde Malinowski (1986), a condição para o pesquisador fazer etnografia é “viver realmente entre os nativos”. Não obstante ser difícil atender a esta condição, mantivemos o máximo possível de convivência com os *Beiradeiros*, como denominamos nesta pesquisa as famílias que vivem na beira da estrada. A regularidade de nossas visitas tornou a nossa presença em algo natural para as famílias pesquisadas. A partir então de visitas frequentes foi possível conhecer a história de vida dessas pessoas, o passado de seus familiares, o que eles faziam, onde moravam, mas, sobretudo, o processo pelo qual as pessoas decidiram morar e viver a vida na beira da estrada e o seu modo de vida *sui generis*.

Nesta perspectiva, o presente ensaio fotográfico tem por objetivo apresentar a pesquisa acima referida, mas, sob a perspectiva

do plantio do urucum, o principal produto cultivado e comercializado pelos *Beiradeiros*, e que movimenta a beira da estrada durante sua colheita. As faixas de terras ocupadas pelos *Beiradeiros* pertencem à União e hoje há aproximadamente 154 residências construídas nos 26 km do trecho da BR-101 que faz parte do município de Teixeira de Freitas-BA. Os *Beiradeiros* não possuem a posse das terras em que constroem suas residências e podem ser retirados desse espaço a qualquer momento, têm consciência dessa condição e não lutam e/ou se organizam para requerer essas terras. Por não serem ocupações legalizadas, os *Beiradeiros* vivem situações adversas, sem as condições básicas de saúde e saneamento como a ausência de rede de esgoto, recolhimento de lixo, água encanada e acesso limitado ao sistema único de saúde, além da ausência de energia elétrica na grande maioria das residências.

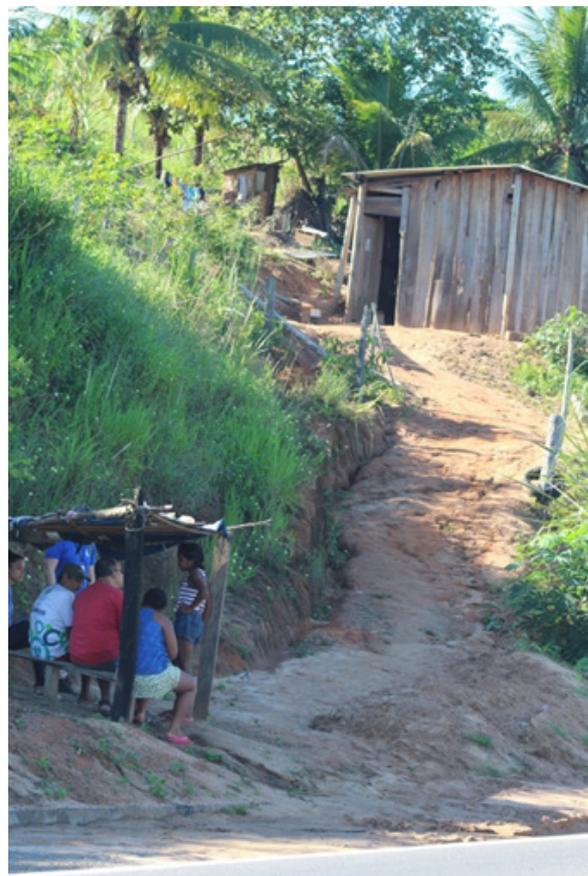


Foto 01

³ É possível acessar as fotografias pelo Instagram da pesquisa @beiradeiros_ufsb



Foto 02

Mesmo não possuindo o direito de propriedade sobre as terras que ocupam observamos que as posses são objeto de negócios por parte dos *Beiradeiros*, que ao serem questionados sobre a possível comercialização do espaço há uma precificação das terras a partir “das melhorias realizadas”, como relatam nas falas ao serem perguntados quanto vale a terra em que vivem: “A minha plantação vale...” era resposta constante, mesmo que não desejem sair das terras compreendem que as melhorias realizadas no território são valorizadas.



Foto 03



Foto 04

Em decorrência das instabilidades a que são expostos, os *Beiradeiros*, fazem uso das terras que ocupam como forma de sobrevivência, pois plantam diferentes alimentos para consumo próprio e comercialização em barracas de venda na frente das residências e/ou pequenos comércios na região. A pesquisa indagou sobre o porquê de estarem na beira da estrada: “As pessoas têm emprego, a gente não tem. Então como vive? Só resta a terra” ou “Eu preciso que quando meus filhos tenham fome eu tenha comida para dar, aqui pelo menos eu planto alguma coisa, tem carne do côco”. Desse modo, ao ocuparem as terras do acostamento da estrada cultivam mandioca, pimenta do reino, milho, feijão, abóbora, hortaliças, frutas diversas, mas, sobretudo, urucum, o principal produto de comercialização dos *Beiradeiros*.



Foto 05



Foto 06



Foto 08



Foto 07



Foto 09

Na beira da beira, compondo a paisagem da estrada, o urucum emerge pintando os acostamentos da BR-101 de vermelho. O urucuzeiro é uma planta originária da América do Sul, mais precisamente da região amazônica e pela sua pigmentação vermelha, advinda a sua cobertura rica em bixina, é utilizada para fazer corantes naturais tanto em indústria têxtil e na fabricação de cosméticos, como na culinária brasileira em forma de condimento e no uso medicinal. O urucum é parte da cultura de diferentes povos indígenas, principalmente para realização de pinturas corporais e seu nome é originário da língua indígena tupi “uru-ku” que significa vermelho (KONRAD *et al*, 2015; MANGANELLI *et al*, 2018).

Dados da pesquisa apontam que há uma plantação contínua de urucum na beira da BR-101, que ocupa uma área de aproximadamente 13 hectares (MARTINS e CASTRO, 2018). Nas etapas do cultivo, o urucum brota cerca de 80 dias após a florada, que segue com a colheita, secagem, peneiramento, armazenamento em sacos e/ou comercialização na beira da estrada. Assim, o cultivo do urucum tem grande influência nos modos de vidas dos *Beiradeiros* que qualquer olhar atento, ao passar pela BR-101, vê o vermelho que une as residências de diferentes perspectivas e contribui que sua terra, comprimida entre as cercas e a estrada, possa trazer melhorias para sua vida.



Foto 10



Foto 13



Foto 11



Foto 14



Foto 12



Foto 15

Referências bibliográficas

COSTA, Oneide Andrade. Perto do asfalto, longe da civilização. *Revista Intransitiva: Como só você percebe o mundo?*, Rio de Janeiro: UFRJ, v.1, n. 4, p. 40-41, abril de 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/intransitiva/article/view/29424>. Acesso em: 7mai2020.

FERREIRA, Ananda da Luz e MARTINS, Herbert Toledo. Infâncias Beiradeiras: como é ser criança à beira da BR-101? *In: Anais do 43º Encontro Anual da ANPOCS*, de 21 a 25 de outubro de 2019, em Caxambu-MG. ISSN 2177-3092. Disponível por: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/st-11/st16-8/11724-infancias-beiradeiras-como-e-ser-crianca-a-beira-da-br-101>. Acesso em 09 fev. 2020.

KORAND, Eliana Cristina Generoso; TARSITANO, Maria Aparecida Anselmo; e COSTA, Silvia Maria Almeida Lima. “Análise Econômica da Cultura do Urucum (Bixa orellana) em Adamantina, SP”. *In: Revista de Ciências Agrônômicas*. Cultura Agrônômica, 2015, v. 24, n. 1. Disponível em: <https://ojs.unesp.br/index.php/rculturaagronomica/article/viewFile/2305>. Acesso em: 15jan2020.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. *In: DURHAM, Eunice Ribeiro (Org). Bronislaw Malinowski. Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MANGANELLI, L.; FONSECA, Y.S.; LEDO N. A.; BARBOSA, G.F.; RAMOS, G.A.; SILVA, B.A; et al. “Estudos etnobotânico do uso de Bixa orellana L. (urucum) por agricultores do Extremo Sul da Bahia”. *In: Revista Cubana de Plantas Medicinales*, 2018, v. 23, n. 3. Disponível em: <http://revplantasmedicinales.sld.cu/index.php/pla/article/view/693>. Acesso em: 29jan2020.

MARTINS, Herbert Toledo e CASTRO,

Dhanyane Alves. O perfil dos agricultores de beira de estrada do Sul da Bahia. *In: Anais do VII Coninter – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades*, 12 a 16 de novembro de 2018, Rio de Janeiro-RJ.